

FIGURAÇÕES NA REPRESENTAÇÃO ESPACIAL EM DESCRIÇÕES EM PORTUGUÊS

Valéria Chiavegatto (UERJ)

RESUMO	<i>Aspectos da análise de 208 descrições de espaços do corpus D&G, com base em pressupostos teóricos da lingüística funcional cognitiva, descrevendo os processos que inter cruzam os domínios cognitivo e lingüístico, sempre dos mais concretos aos mais abstratos, apresentando pistas lexicais que revelam a motivação conceptual da organização lingüística, quer pela interdependência entre os planos discursivo e gramatical, quer por experiências cultural e socialmente compartilhadas estarem figurativamente representadas na constituição dos enunciados</i>		
<i>palavras-chaves</i>	Lingüística funcional cognitiva	Discurso descritivo	Figurações conceptuais

1. Introdução

Os trabalhos mais recentes efetuados sob o ponto de vista da Lingüística Funcional Cognitiva apresentam evidências sincrônicas e diacrônicas de que a gramática das línguas naturais é um sistema conceptualmente motivado. Entendendo que discurso e gramática estão estreitamente interligados nos enunciados produzidos, tomamos como hipótese de trabalho que os mesmos princípios empregados para descrever aspectos gramaticais sob tal perspectiva são também funcionais quando aplicados à análise da concepção discursiva.

Partindo do pressuposto teórico de que as estruturas gramaticais são investidas de nomenclatura (Salomão, 1994), com significados pré-disponíveis a partir das experiências psico-físico-sociais dos indivíduos nas diferentes culturas, acreditamos que, apesar de as línguas naturais se estruturarem de diferentes maneiras, há uma gramática comum que se organiza com base em processos cognitivos universais, tornando-se, pela motivação cognitiva que engendra as diferentes estruturas, instrumento sensível ao ajuste comunicativo e via de acesso ao conhecimento da natureza do mecanismo que permite aos humanos representarem pensamentos em linguagem.

Por extensão desta hipótese, podemos afirmar que as estruturas pré-gramaticais (ou discursivas) também sofrem motivações cognitivas semelhantes às que são observadas nas estruturas gramaticais, pois, como afirma Salomão (1994:12), seria “anti-econômico” um sistema gramatical que não se amoldasse às pressões do uso para dar conta das diversas necessidades localizadas de interação e de representação. Segundo verificamos, a estruturação dos discursos, conforme a natureza genérica do tipo de comunicação que manifesta, é uma destas necessidades.

A moldagem da gramática às necessidades comunicativas é realizada por mecanismos constantes e recorrentes que vêm, freqüentemente, articulados entre si. Pistas da atuação desses processos são mais ou menos evidentes nas estruturas que codificam, principalmente, relações de tempo, modo, aspecto, transitividade verbal, pontos de vista e referência, conectivos e construções adverbiais. Na medida em que estas formas embutem relações que comportam “uma certa modelização-do-mundo, não marcada e pré-disponível” (Salomão, 1994:12), é de se esperar que tais ajustes iniciem sua trajetória na própria concepção da natureza genérica do discurso, pois é exatamente no nível pré-gramatical que as estruturas gramaticais são selecionadas em função da sua adequação ao tipo de situação comunicativa em que serão empregadas e, a partir desta seleção, processadas do domínio cognitivo para o lingüístico.

O Quadro 1, a seguir, tenta figurar como estamos considerando as inter-relações entre as estruturas a que chamamos pré-gramaticais, que se originam no domínio cognitivo, passam pela concepção do discurso e se representam nos diferentes níveis de organização lingüística - gramatical e pós-gramatical - aos quais estão relacionadas:

ESTRUTURAS	NÍVEIS DE ANÁLISE
↓	↓
PRÉ-GRAMATICAIS	COGNITIVO
↓	↓
↓	DISCURSIVO
↓	↓
↓	SEMÂNTICO
↓	↓
↓	LEXICAL
↓	↓
GRAMATICAIS	SINTÁTICO
↓	↓
PÓS-GRAMATICAIS	MORFOLÓGICO
↓	↓
	FONOLÓGICO

Quadro 1 - Correspondências entre concepção da gramática e os níveis de análise das inter-relações entre linguagem e pensamento, concebido com base em comunicação oral de Margarida Salomão, apresentada no XI Congresso da ANPOLL em João Pessoa (Pb), no GT Descrição do Português, em 5/6/96.

Como representamos nas correspondências (↓) apresentadas no Quadro 1, as estruturas pré-gramaticais - do nível cognitivo ao lexical - estão sendo vistas como sobredeterminantes da codificação das estruturas gramaticais, motivando a organização das estruturas lexicais na cadeia linear das sentenças. O esquema mostra que nossa análise das figuras nas descrições de espaços em português tem origem em um nível macro, na análise funcional cognitiva - o da concepção do discurso- para chegar ao nível micro - o das estruturas gramaticais que caracterizam os gêneros discursivos.

Assumimos como hipótese geral de abordagem que há uma base cognitiva-experiencial para a organização da gramática, fundamentando nossa postura teórica em trabalhos como os de Talmy (1986), Lakoff (1987, 1990, 1993), Langacker (1987), Fauconnier (1994) e Sweetser (1991). Este último, em *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*, apresenta evidências de que em diferentes línguas, processos cognitivos figurativos são mapeados em estruturas lingüísticas de diferentes níveis, independentemente de um estágio lingüístico particular. É exatamente pela permanência destes processos, em diferentes gerações de falantes e línguas distintas, que se vêm revelando básicos na natureza da constituição das línguas humanas.

Para Paivio e Walsh (1993), tais evidências são manifestas por “pistas conceptuais” (*conceptual pegs*) que afloram em itens lexicais ou em estruturas gramaticais nas construções discursivas, permitindo-nos o acesso às informações arquivadas na mente dos falantes desde a mais tenra infância, revelando-nos figuras conceptuais na passagem do domínio cognitivo ao lingüístico, tais como as correspondências metafóricas e metonímicas apresentadas por Lakoff (1987, 1993) e os “elos” (*links*) entre “espaços mentais” formalizados por Fauconnier (1994). São as expressões lingüísticas a via de acesso por excelência à natureza dos processos que interligam a cognição à organização da linguagem.

A partir destes fundamentos teóricos, foram analisadas 208 descrições orais e escritas do *corpus* D&G. Os textos estudados permitem explicar o funcionamento da língua em descrições de espaços, pois foram produzidos por informantes situados desde a fase de alfabetização (fundamental e supletivo) até o término dos estudos universitários. Metodologicamente, integramos à abordagem predominantemente qualitativa a quantitativa, quando os dados assim o sugeriram.

Os aspectos das análises aqui apresentados são resultados parciais de um projeto de estudo das representações espacio-temporais em português, constituindo uma trajetória de estudos que vêm confirmando algumas das hipóteses básicas do funcionalismo cognitivo, entre as quais destacamos:

- 1- Determinadas estratégias cognitivas se cristalizam no discurso;

- 2- as estruturas de formas nos campos lexicais sobredeterminam as combinações que, no nível gramatical, caracterizam o gênero descritivo;
- 3- epistemologicamente, as figurações observadas são funcionais para guiarem os interlocutores à compreensão das estruturas discursivas e reveladoras de alguns dos mecanismos que interligam cognição e linguagem nas línguas humanas;
- 4- a gramática das línguas é um estrutura formal cognitivamente motivada.

Neste artigo, apresentamos, resumidamente, como processos figurativos organizam a codificação discursiva e gramatical em enunciados que descrevem espaços em português.

2. Processos figurativos na representação lingüística em descrições de espaços

Há dois campos cognitivos manifestos nas figurações que representam espaços na estruturação lingüística de descrições: o epistemológico e o ontológico.

No campo epistemológico, estão as figurações que envolvem a cognição e a metacognição do discurso, através da descrição de processos que estão relacionados com o objetivo do falante de guiar o interlocutor para interpretação do discurso descritivo. Tais “guias” se dão, basicamente, por processos metafóricos, que explicam a natureza das sentenças típicas do gênero descritivo.

Neste campo estão as metáforas que conceptualizam as estruturas pré-gramaticais (ou discursivas) das descrições de espaços, evidenciando que conceptualizamos que:

1. um espaço descrito é uma “caixa”;
2. *descrever um espaço é “abrir ou entrar em uma caixa”;*
3. o falante é o “dono da caixa”.

Tais metáforas se inter cruzam com as do campo seguinte, o ontológico, onde estão as figurações que manifestam as estratégias usadas pelos falantes para dizerem como o “mundo descrito é”. Portanto, no campo ontológico, estão as figurações que manifestam a organização existencial dos entes e seres do mundo, revelando que o discurso é uma construção do mundo figurativamente representado.

Neste campo, as estruturas lingüísticas manifestas nas descrições revelam que, figurativamente, conceptualizamos que:

1. *estar em um espaço é existir*, confirmando a metáfora proposta por Lakoff (1987), de que “Locação é existência”;
2. *existir é ser possuído*, expressando que conceptualizamos metaforicamente que “Posse é existência”;
3. *existir é pertencer ao todo*, manifestando a conceptualização metafórica de que “Pertinência é existência”;
4. *as partes configuram o todo*, em que, por figuração metonímica, o espaço é descrito pelas partes que o compõem.

As figurações observadas nos dados manifestam que o discurso é uma construção lingüística elaborada em planos metafóricos, em que, tal como na metáfora descrita por Lakoff (1993), de que na língua inglesa conceptualiza-se que “O amor é uma viagem”, que Chiavegatto e Ferrari (1995) mostram ser funcional e produtiva também em língua portuguesa, há níveis super-ordenados e sub-ordenados, figurativamente construídos e interligados, e operacionalmente manifestos nas estruturas lingüísticas, que permitem explicar as estruturas lingüísticas que caracterizam os textos descritivos.

2.1 - *Figurações no campo epistemológico*

Metaforicamente, um espaço descrito é concebido como uma “caixa”, uma entidade do domínio mais concreto que se superpõe ao domínio mais abstrato “espaço”, pois é um espaço limitado, geometricamente tridimensional (com altura, comprimento e/ou volume/profundidade). No exemplo 1, a seguir, apresentamos pistas de que esta conceptualização metafórica é teoricamente funcional em descrições de espaços, especialmente quando o local descrito é um ambiente natural, em espaço aberto, em que nem todas as fronteiras no mundo físico estão delimitadas. Vejamos:

Exemplo 1 : Praia da Ferradura (oral)

Ab... então... é lá em Búzios... na praia da Ferradura... no canto esquerdo... bom... como toda praia tem areia...né.. tem o mar ali... que é muito gostoso... costuma estar super calmo...é:: como eu havia dito... a água costuma estar muito gelada sempre... mas isso é... que gosto de água gelada particularmente... tem uns bares em cima , né?... tem o:: bar da Nora... do Samuca... tem...a::::... Carlindos...tem outros bares mais pra baixo... eu fico ali em frente ao bar do Samuca... tem umas mesas...marrons e bancos né?... o pessoal fica sentado tomando cerveja... comendo... de vez em quando a gente... vai lá também(.....) a areia não é muito alva não... (.....)

tem umas árvores... esse lugar é onde encontra... a praia com a pedra né...é::; é muito bonito ali né?... nas pedras...andando nas pedras ... o outro lado também é ... bem legal... você saindo ali... na ::: a praia é realmente em forma de ferradura e::: saindo você.... avista os paredões rochosos né... tem num/ no canto esquerdo... no final...no extremo... é... de pedras... tem um local.... onde há uma passagem... entre ... é um tipo de interrupção da pedra... tem um canalzinho ali né... é como se fosse...o final... da pedra fosse... uma ilha né?... mas separada por pouca coisa...é::: também é muito bonito né... basicamente isso (RJMUCRL)

Na descrição (1), pistas lexicais evidenciam que, no campo epistemológico, a metáfora da “caixa” serve para guiar o interlocutor para a interpretação das descrições lingüísticas de cenários: espaços são metaforizados como “caixas”, com formas geométricas euclidianas mais ou menos evidentes, pois: há limites laterais - “o lado esquerdo”, “o outro lado”, “em cima” e “em baixo”; vértices - como em “Esse é o lugar onde encontra... a praia com a pedra”; extensão definida a partir do ponto onde o observador se coloca no espaço: “no final”... “no extremo”; volume ou profundidade (dentro) entre os limites laterais estabelecidos: “eu fico ali em frente ao bar do Samuca”. Portanto, a “caixa” por meio de que se descreve um espaço é metaforicamente uma figura mental tridimensional.

A descrição do espaço calca-se na experiência que temos com caixas “reais”, utilizando-se de domínios de conhecimentos que as inter-relacionam às figuras de formas geométricas variáveis (quadrados, triângulos, retângulos, círculos...), que são vistas em perspectiva tridimensional (comprimento, altura e profundidade), projetando-se em imagens mentais que assumem diferentes proporções (tamanhos). É de acordo com a posição em que o observador (falante) se coloca em relação ao espaço (de fora) ou no espaço (de dentro) que as estruturas sintáticas que descrevem espaços serão codificadas: o falante pode dizer que “...a praia tem areia”(de fora da caixa) ou “Eu fico ali em baixo...”(de dentro da caixa).

A segunda metáfora, no campo epistemológico, calca-se na experiência concreta que os humanos têm dos procedimentos para “abrir” ou “entrar” numa “caixa”, quer para ver/apresentar o que há em seu interior, quer para mostrar como é seu exterior. Tais experiências são transferidas para o processamento lingüístico, pois, em descrições, ou “abre-se ou entra-se no espaço descrito”; ou o que se faz para “mostrar uma caixa” faz-se, metaforicamente, para descrever um espaço.

Tal processamento justifica porque, em descrições, os falantes empregam aspectos das experiências perceptivas (fisicamente mais concretas) para descreverem as sensações (mais abstratas) experimentadas no espaço.

O que o corpo humano percebe, pelos órgãos dos sentidos, nas experiências comuns com caixas — tais como ver, tocar, cheirar, sentir a textura ao manuseá-la, abrir ou entrar —, é empregado para dar a conhecer a seus interlocutores as qualidades do espaço que descreve. Observemos, no próximo exemplo (2), como tal mapeamento é produtivo na comunicação:

Exemplo 2: Casa da avó em Recife (oral)

O lugar (...) é na casa da minha avó...lá em Recife...lá né... eu gosto de ir pra lá... porque lá tem... é ...lá a minha vó mora no interior né... tem muito mato... aí tem um ar fresco... quando eu saio da cidade e entro no interior... eu sinto a diferença de clima né... porque o clima da cidade é cheio de fumaça...e lá... num... no interior é ga/go/gostoso... por causa dos campos... lá é lá em Recife(...)
(RJMPARANM)

No exemplo (2), existem pistas lexicais de que há um momento em que o informante “sai de um espaço” (a cidade) para “entrar” no espaço a ser descrito: metaforicamente, “abre” o espaço descrito e entra na “caixa” (“Quando eu saio da cidade e entro no interior”). Isto acontece antes de começar a apresentar as entidades e qualidades que caracterizam o espaço, através de estruturas que são emblemáticas nas descrições: sentenças com verbos existenciais e seus argumentos internos, codificadas no presente do indicativo (“tem muito mato, tem ar fresquinho [...] tem ar puro e suave”).

Pela integração das experiências perceptivas para apresentar as qualidades do local, evidencia-se que, sem a utilização desses mapeamentos, calcados em experiências compartilhadas, algumas informações seriam muito complexas, se não impossíveis, de serem transmitidas. Na passagem da imagem mental arquivada na mente à construção/reprodução dessa imagem na língua, estas experiências “concretizam” a apresentação de atributos que causam sensações no espaço descrito, conceitos que, de outra forma, seriam abstrações difíceis de serem comunicadas: as sensações “de quem entra para ver o que tem numa caixa” são transferidas para a apresentação das características do “interior de Recife”.

A terceira metáfora epistemológica, “o falante é o dono da caixa”, conduz o ouvinte/leitor a interpretar o texto descritivo como uma seleção de aspectos feita por seu produtor, pois nem todas as entidades e qualidades do local estão representadas nas descrições. Inconscientemente, os falantes/ouvintes sabem que, de alguma forma, os aspectos apresentados são os que afetam a percepção do observador/falante, por questões de relevância de diferentes naturezas, físicas, sociais ou culturais. Em descrições, há pistas lexicais de que quem descreve “é o dono da caixa”, pois, enquanto “possuidor da imagem do espaço”, é ele quem escolhe os aspectos a serem

apresentados, ou pode “negociar”, com seu interlocutor, a construção de seu discurso, como o trecho a seguir exemplifica:

Exemplo 3: Casa/cozinha (oral)

I - Dentro da minha casa?

E - É ...

I - É dentro da minha casa aqui ... ou pode ser em volta dela também?

E - Não... dentro da sua casa...

I - Tudo?

E - É, tudo o que você lembrar que tiver lá...

I - Que tem?... tem uma geladeira... tem um:: fogão... tem armário... tem panela... té é... qual é o nome? ... freezer não... qual é o nome daquele treco que tá em cima da geladeira? (...)

E - E como é que é?

I - Como assim?

E - Como é que é? é grande? ... é pequena?,,, me conta aí...

I - É grande... pelo menos uns ... 80 pés...

E - Oitenta pés?

I - Oitenta passos ... até o final... até a porta... um que mais que eu falo? só tem isso...

E - Só tem isso? (...)

E - Já falei a cozinha.

(RJFPLUA)

Inicialmente, no texto (3) vemos que os interlocutores compartilham expectativas semelhantes (com base na “caixa”) em relação à natureza das expressões que constroem uma descrição de um local (dizer o que o espaço tem “por dentro”: “É, tudo o que você lembrar que tiver lá...”) e em relação aos atributos característicos das partes que o compõem, pois a entrevistadora pergunta: “E como é que é? como é que é? é grande?... é pequena?... me conta aí...”.

Em seguida, destacamos pistas bem nítidas de que os falantes sabem que têm diferentes perspectivas e aspectos a escolherem para efetuarem descrições de espaços, pois a informante pergunta: “É dentro da minha casa aqui ... ou pode ser em volta dela também?”; como “dona da caixa”, é ela quem seleciona os aspectos a serem descritos, quando negocia a forma de apresentá-los, evidenciando que, metonimicamente, é com base numa relação parte/todo que o espaço será configurado, pois questiona: “ Tudo?”.

Por outro lado, quando a informante diz que “É grande... pelo menos uns ...80 pés(...).oitenta passos... até o final ... até a porta...” deixa pistas de que é o relevo da dimensão humana, segundo a posição do corpo ou partes do corpo, que é usado para estabelecer relações (“linhas”) e medir distâncias. Pés e passos, partes do corpo do processo com que o homem caminha concretamente em espaços, metaforizam a representação de distâncias relativas e a medida de tamanho das entidades nas descrições.

Assim constatando, podemos dizer que, cognitivamente, as estruturas adverbiais são motivadas pela experiência corporal humana, a partir da perspectiva adotada pelo sujeito para situar, com base em inter-relações calcadas em “linhas matemáticas imaginárias que partem de diferentes pontos X no ambiente”, as entidades que coexistem no espaço que descreve.

2.2 - Figurações no campo ontológico

Para entendermos as figurações do campo ontológico, observemos o texto a seguir:

Exemplo 5: Casa da minha avó (oral)

*.... é a casa da minha avó... lá tem três quartos...é...
uma cozinha... uma sala gran:de...é apartamento...
um banheiro...é... deixa eu ver... os móveis são todos
es:curos... tem video casse:te: e...rádio vitrola...
televisão de controle remoto... fico toda hora apertan-
do... tem mais o que....ab tem um monte de coisa...
só isso que eu me....lembro . (RJMPAAM)*

No texto 5, em que o informante descreve a casa da avó como seu local preferido, há evidências de que as metáforas “Existir é estar em um espaço” e “Existir é ser possuído pelo espaço” engendram as construções descritivas. Considere-se que aquilo que está no espaço toma existência na descrição, relação vista por Lakoff (1987), e que, também, a relação entre posse e existência pré-organiza a apresentação das entidades que caracterizam o espaço, pois estas são apresentadas como “coisas” possuídas por alguém”. No exemplo 5, a “casa da minha avó” é o “alguém” que, metaforicamente, possui as “coisas” que nela estão/existem. Logo, concebemos, metaforicamente, que “as coisas que existem em um espaço são possuídas por ele”.

Tal metáfora se evidencia quando, em descrições de cenários, as entidades apresentadas são as “coisas e seres” que “a caixa” possui: “lá tem três quartos...é.. (tem) uma cozinha... (tem) uma sala gran:de...” . No nível gramatical, o verbo “ter”, originalmente de posse (Faria, 1995), é empregado para mostrar o que “existe” no espaço, codificando, na cadeia sentencial, as coisas que “pertencem à caixa” ou que, em outras palavras, “existem no

espaço”. Logo, uma relação de posse do espaço pelas “coisas” é mapeada sobre a abstração “existência de entidades no espaço”, organizando, a partir desta metáfora ontológica, a codificação típica das sentenças descritivas com verbo *ter* com sentido existencial.

A caracterização do local como “posse de alguém” e como “possuidor das entidades que o compõem” é, também, um processo metonímico (o possuidor pela coisa possuída, as partes pelo todo) que se intercrucza com a metáfora ontológica de que “existir é ser possuído”. Abre-se aí, uma extensão cognitiva intercruczada com a terceira metáfora epistemológica, pois o falante se constitui como um sujeito discursivo “todo poderoso” a quem cabe dar existência às entidades, na medida em que escolhe “o que” e “como” apresentá-las nos textos que constrói. A “ontologia das coisas e seres” em textos descritivos é fruto da nomeação dos aspectos que o falante percebe como salientes e/ou relevantes no local, como “coisas e seres possuídas pelo espaço”, em que a figuração metonímica realiza a metafórica: será sempre da perspectiva do falante que o espaço será descrito, segundo escolha “olhar, abrir ou entrar” metaforicamente na “caixa” que “possui na mente”, selecionando, metonimicamente, as partes que configuram o todo/espaço descrito.

Em análise quantitativa das sentenças que compõem textos descritivos, verificamos que a metáfora da “caixa” explica a natureza lexical das estruturas sentenciais tipicamente descritivas. Especialmente analisando os verbos que integram os predicados destas sentenças, verificamos que, quando os falantes descrevem lugares, o fazem como se dissessem o que caixas “contêm” e como “são” seus atributos ou as entidades que a ela pertencem. Tal quantificação foi feita com base na análise da frequência média de uso das estruturas verbais em 24 descrições (12 orais e 12 escritas), como “*corpus* amostra” cujos resultados podem ser projetados para descrever/prever o que acontece em descrições de espaços em geral.

Constatamos a predominância de predicados estruturados com verbos existenciais “*ter* e “*ser*”, explícitos ou elípticos: estes são 77% de todos os verbos que aparecem em descrições, em oposição a 23% de predicados estruturados com verbos de outra natureza semântica. Nesta análise, desconsideramos os verbos dos predicados das sentenças iniciais de cada texto, porque, na maioria deles, o informante reproduzia o verbo apresentado no comando da entrevistadora.

É pela metáfora ontológica de que “posse é existência” que podemos explicar a alta frequência de verbos “*ter*” com sentido existencial nas descrições de cenários, e afirmar que, seguramente, foi o mesmo processo que operou na deriva semântica de “*ter*”, de verbo originalmente de posse a existencial, de uso consagrado em português, tomando na linguagem comum o lugar do verbo “*haver*”.

Entre os verbos de outra natureza semântica, basicamente verbos de movimento, do tipo “vir, sair, chegar, entrar”, verificamos que são atualizados quando o falante parece deslocar sua percepção entre sub-regiões que estão na mesma “caixa”, expressando que, figurativamente, conceptualizamos que “percepção é movimento”, confirmando tanto a metáfora básica de Lakoff (1993), de que “Processos são movimentos”, quanto a hipótese de que as experiências vivenciadas pelos homens, em sua relação com os ambientes em que vivem, são empregadas para figurar os aspectos mais abstratos que precisam ser, lingüisticamente, representados na linguagem.

4. Conclusões

Considerando que descrições de cenários são, por definição, representações figurativas de espaços em linguagem, a interpretabilidade dos textos de forma satisfatória pelos ouvintes/leitores, apesar de nem todos os aspectos do espaço serem apresentados pelo falante, é uma evidência de que as estruturas lingüísticas se constituem sob a base de esquemas imagéticos culturalmente compartilhados. Basta ao informante destacar algumas “pistas conceptuais” e contar que os demais aspectos possam ser inferidos por seus interlocutores, como a expressão “Ah ... tem um monte de coisas”, no exemplo 5, denuncia.

Os aspectos apresentados evidenciam que as figurações metafóricas se projetam do nível cognitivo ao discursivo, semanticamente motivando as escolhas lexicais e as estruturas do nível gramatical em que os discursos são organizados, mostrando que, em diferentes planos figurativos, espaços são representados nos diferentes níveis lingüísticos em que os textos são construídos.

Referências bibliográficas

- BROWN, G. & YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CHIAVEGATTO, Valeria & FERRARI, Lilian. A motivação conceptual da gramática. In: *Matraga*: revista do Depto CULT- UERJ . Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- FARIA, ERNESTO de. *Dicionário português-latim*. Lisboa: Porto Editora, 1989.
- FAUCOUNNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors: we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- . *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

- . "The contemporary theory of metaphor." In: ORTONY Andrew(ed) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2ed. 1993.
- ORTONY, Andrew (ed). "Preface to the first edition" & "The role of similarity in similes and metaphors." In: Ortony, A. (ed). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- PAIVIO, Allan & WALSH, Mary. "Psychological processes in metaphor". In: Ortony, A. *Metaphor and Thought*, 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993 .
- REDDY, Michael. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: Ortony, A. (ed). *Metaphor and Thought*. 2ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- SALOMÃO, Margarida. *Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar*. Berkeley, Tese de Doutorado na University of California at Berkeley, 1990. (inédito)
- . *Idiomaticidade e motivação cognitiva: a face-de-Jano da gramática*. Juiz de Fora: UFJF, 1994 (mimeo).
- . *A gramaticalização das representações espaço-temporais em português*. Rio de Janeiro/Juiz de Fora, Texto arcabouço do Projeto Integrado de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição (UERJ, UFRJ, UFJF - CNPQ Processo Projeto Integrado 500629/91-9 (NV), 1994b (mimeo).
- SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- SWEETSER, Ewe. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TOMLIN, Russel. *Basic word order: functional principles*. London: Croon Helm, 1991.